

APRESENTAÇÃO

O número 18 da **Revista Boitatá** busca refletir sobre os rumos dos estudos sobre literatura popular na contemporaneidade e responder a questões como estas: Ainda faz sentido estudar literatura popular no século XXI? Quem são os produtores desse tipo de manifestação literária? E seus receptores? Quais os seus suportes? Que referenciais teóricos são capazes de desvendar sua especificidade?

Tal reflexão foi motivada pela percepção de que, no século XXI, consolidaram-se conquistas do século anterior quanto ao reconhecimento das manifestações literárias nascidas fora de padrões estéticos definidos pelos canais convencionais de crítica literária. Por outro lado, o conceito de literatura popular tornou-se mais complexo, abrigando mudanças sociais, históricas, culturais e inclusive tecnológicas a que assistimos nos últimos tempos, alterando consideravelmente antigas percepções.

Desde as últimas décadas do século XX, o mundo ocidental tem paulatinamente reconhecido os direitos de grupos até então esquecidos ou silenciados pelos estratos dominantes por questões econômicas, étnicas, raciais, de gênero, com repercussões evidentes no campo literário, que tem alargado seus horizontes e tomado como objeto de estudo as manifestações de linguagem verbal consideradas artísticas, independentemente de quais são os suportes de circulação desses textos, quem são seus produtores ou receptores ou, ainda, em quais instâncias eles foram validados como formas de literatura popular.

Tanto os textos da **Seção Temática** quanto os que se encontram na **Seção Livre** permitem vislumbrar o estado da arte dos estudos sobre literatura popular. O quadro resultante reflete a complexidade crescente na abordagem sobre o tema ao longo de quase dois séculos. Se tomarmos como início dos estudos com foco na categoria “povo” as pesquisas dos literatos de meados do século XIX, constataremos desde a origem o, digamos assim, congelamento do conceito em torno de figuras consideradas típicas e pitorescas, associadas com a formação das nações por sua pureza e encanto. No seguimento, com as preocupações de teor científico dos folcloristas, temos uma marca insistente dessa corrente, que é a intenção de preservação do

material, tomado como em vias de desaparecer e dependente da chancela e das sistematizações dos intelectuais. Esse mecanismo recebe do historiador Michel de Certeau a designação de “discurso sobre o morto”, haja vista a permanente ameaça que paira sobre a “frágil” matéria popular. Um desdobramento bem humorado e até mesmo curioso dessa questão pode ser encontrado na célebre afirmação de Joãozinho Trinta, famoso carnavalesco do Rio de Janeiro: “Quem gosta de miséria é intelectual”. A constatação aponta para a predominância de letrados como os proponentes de reflexões sobre os assuntos do popular desenvolvidos nos séculos XIX e XX. Outra tendência recorrente nos estudos da literatura popular está em sua associação com oralidade e rusticidade, como se não pudesse haver complexidade no que não está escrito ou como se tudo que está na forma escrita possuía de *per se* qualidade estética. Mais um ingrediente se insere nesse entrevero conceitual quando se associam, equivocadamente, as culturas e produções populares com as da chamada estética de massas.

Os debates travados nestes primeiros anos do século XXI, com razão, buscaram superar as limitações de conceitos sedimentados e vêm elaborando conceitos como hibridismo, mestiçagem, entre-lugar, circularidade, para dar conta das vias de duas mãos entre os âmbitos da alta e da baixa cultura, ou do erudito e do popular, de modo que se torna um esforço invariavelmente inútil delimitar de forma categórica as origens de uma determinada manifestação ou hierarquizar as contribuições que cada sujeito ou grupo traz em suas criações “impuras”. Coube ainda a reflexões sobretudo das áreas da filosofia, da linguística e da sociologia a inserção das interferências do discurso e do poder sobre as criações literárias e artísticas, elementos que não podem ser ignorados quando se trata de pensar os valores e os sentidos atribuídos a cada manifestação ou autor.

Na capa desse número da Revista encontram-se gravuras produzidas com diferentes materiais e técnicas (tinta pastel, nanquim e colagem) por José Carlos dos Santos, mais conhecido como Beleza, um sujeito, sob vários aspectos, popular. Morador do bairro Restinga, da periferia de Porto Alegre/RS (abordado no texto da autora Alessandra Bittencourt Flach, presente na **Seção Temática**), vem sendo parceiro de pesquisas e ações da Universidade pública neste bairro. Nele a inteligência, a sabedoria e a criatividade se somam em anos de atuação em sua comunidade e em diálogos com outros atores da sociedade. O desejo de diminuir os estigmas que pesam sobre o bairro e seus moradores transforma-se para Beleza em arte, voz, atitude, consciência, algumas das “táticas” para sobreviver sem ser

esmagado pelas imagens e discursos de carência e preconceitos sobre os lugares periféricos. A nosso ver, as gravuras refletem a diversidade humana e social e os diferentes *loci* de enunciação e produção estética na sociedade contemporânea, um dos aspectos implicados no tema proposto para este número da **Boitatá**.

Tentando dar conta do conjunto de textos recebidos para o dossiê temático, observamos que alguns tomam por objeto de estudo gêneros ou debates consagrados na esfera do popular, como o cordel, o romanceiro, as cantorias, os ditados, os provérbios, a farsa, o folclore, o sincretismo, a canção, enquanto outros introduzem novos formatos de produção de literatura popular, considerando-se a amplitude que tal conceito vem adquirindo. É o caso dos estudos sobre a narrativa presente no rap e nas performances cantadas e dançadas do coco e do candombe, com suas peculiaridades quanto à articulação entre linguagem verbal, corpo, imagem e mídias. As respostas dadas à chamada deste número da **Boitatá** também possibilitam perceber os diferentes sujeitos e até mesmo tipos presentes nas criações abordadas pelos articulistas, seja na condição de personagens ou de autores. São eles figuras do cotidiano urbano contemporâneo; o malandro; os narradores e escritores das periferias dos grandes centros urbanos.

O artigo que abre a **Seção Temática, UM CONTADOR DE HISTÓRIAS NA CIDADE: DESAFIOS PARA O PESQUISADOR**, de Alessandra Bittencourt Flach, investiga o lugar do contador de histórias na modernidade, bem como os elementos estéticos encontrados em narrativas orais a partir de pesquisa realizada no bairro Restinga, situado em região periférica na cidade de Porto Alegre (RS). Na sequência, **ENTRE LIVROS E DISCOS: ALIANÇA E DISPUTA ENTRE JORGE AMADO E DORIVAL CAYMMI NA REPRESENTAÇÃO DA BAIANIDADE NA DÉCADA DE 1940**, de André Domingues dos Santos, analisa a produção dos dois artistas e como representaram o popular.

Já **“ENTRE-LUGAR” NA PRODUÇÃO CORDELISTA DE GONÇALO FERREIRA DA SILVA**, de Bárbara Laís Falcão da Silva Cação, detém-se no papel da literatura de cordel na contemporaneidade. Esse gênero é estudado em paralelo a outra forma típica da literatura popular em **O ROMANCE DE TRADIÇÃO ORAL E SUAS RELAÇÕES COM A LITERATURA DE CORDEL**, de Carolina Veloso Costa. **O “ENTRE-LUGAR” DOS FOLHETOS DE CORDEL NO SÉCULO XXI**, de Linduarte Pereira Rodrigues, é outro trabalho que integra este número da **Boitatá** e debruça-se sobre o papel que o cordel assume na contemporaneidade.



Ainda na **Seção Temática**, somos apresentados aos aforismos e afrescos do Profeta Gentileza em texto de Deise Quintiliano Pereira, **LITERATURA POPULAR NA PÓS-MODERNIDADE: NA TRILHA DE GENTILEZA**. Em **MALANDRO FOLCLÓRICO; UM PRODUTO SINGULAR OU UMA MERCADORIA RECUPERADA?**, de Delmar Cruz Bomfim, temos a análise do modo como o malandro foi tratado durante a ditadura Vargas em comparação com o lugar concedido no período ao escritor negro e sua produção literária.

AS FRONTEIRAS ENTRE O FOLCLORE E A LITERATURA NO ENSAIO “O FOLCLORE COMO FORMA ESPECÍFICA DE ARTE” DE PIOTR BOGATYRIOV E ROMAN JAKOBSON, de Ekaterina Vólkova Américo, retoma texto clássico nos estudos do popular e reflete a respeito de sua pertinência na abordagem da cultura popular contemporânea em uma de suas manifestações: a literatura de massa. Na sequência, temos **DA VIDA BATIDA PARA A BATIDA VIVA: A BATALHA POÉTICA DO RAP DE IMPROVISO COMO LUGAR DE ARMA, RESISTÊNCIA E PROBLEMATIZAÇÃO DE TENSÕES NA ESCOLA**, de Janaína Vianna da Conceição, artigo que focaliza o gênero rap, uma das formas contemporâneas de literatura popular, e sua presença no contexto escolar.

CRISTAIS DE MENTALIDADE: DITADOS COMO SINAIS IDENTITÁRIOS NO ROMANCE DA PEDRA DO REINO, de Marcos Paulo Torres Pereira, analisa o emprego de ditados e provérbios na obra de Ariano Suassuna enquanto índices do valor atribuído pelo autor à produção material e imaterial do povo. **UMA ANÁLISE DA COSMOVISÃO CARNAVALESCA NO GÊNERO FARSA**, de Sandra Klafke Verbist e Marlene Teixeira, dedica-se a outro texto de Suassuna, o qual é examinado a partir da noção de carnavalização. Também dedicado à literatura escrita é o artigo **O SINCRETISMO ATRAVÉS DO ESTRANHO EM O PAGADOR DE PROMESSAS**, de Bruno Vinicius Kutelak Dias e Rogério Caetano de Almeida, no qual a relação entre duas distintas concepções de religião e fé desencadeia análise sobre como obra de matriz popular leva a profundas reflexões históricas.

Acolhemos, na **Seção Temática**, trabalhos que envolvem manifestações artísticas que não se limitam à expressão escrita. É o caso do artigo **A CANTORIA CONCEBIDA COMO SISTEMA ARTÍSTICO COMUNICACIONAL: PROPOSIÇÕES A PARTIR DO CONCEITO DE ANTONIO CANDIDO**, em que Rafael Hofmeister de Aguiar trata da cantoria como sistema artístico-comunicacional a partir do conceito de sistema desenvolvido

por Candido. Por sua vez, **COCO DANÇADO E CANDOMBE MINEIRO: TRADIÇÕES PERFORMÁTICAS BANTO-BRASILEIRAS**, de Ridalvo Felix de Araujo e Sônia Queiroz, debruça-se sobre duas culturas de cantos dançados encontradas no Nordeste e Sudeste do país - o coco dançado e o candombe mineiro -, as quais são analisadas por meio de suas performances, instrumentos musicais utilizados e ainda por depoimentos e narrativas de capitães e mestres.

A LITERATURA DE CORDEL NA EJA: UM DIÁLOGO COM DIFERENTES PRÁTICAS DE LETRAMENTO, de Sílvia Gomes de Santana, é outro artigo que parte da literatura de cordel como estratégia de letramento em grupos de EJA – Educação de jovens e adultos -, importante espaço de escolarização de classes populares e trabalhadoras. Encerrando a Seção Temática desta edição de **Boitató**, temos **O POPULAR EM FOCO: LITERATURA MARGINAL OU PERIFÉRICA**, de Terena Thomassim Guimarães, dedicado às obras *Graduado em Marginalidade* e *Estação Terminal*, de Sacolinha, *Da Cabula*, de Allan da Rosa, e *Literatura, Pão e Poesia*, de Sergio Vaz, nas quais temos acesso à voz do povo da perifeira.

Na **Seção Livre**, concentram-se abordagens críticas e teóricas com ênfase nas especificidades das poéticas orais em suas formulações teóricas e em sua inserção no ambiente do videogame e da escola. Destacam-se ainda artigos sobre a recente bifurcação dos povos indígenas brasileiros entre objetos de representação de outros e sujeitos de suas consciências e criações na forma escrita. Abrindo a **Seção Livre**, temos o artigo **PERFORMANCE ORAL E O VIDEOGAME ENQUANTO SUPORTE DE TEXTO NARRATIVO: O CASO DO JOGO THE SIMS**, em que Adriana Falqueto Lemos analisa o videogame como novo suporte textual, destacando a participação do jogador e sua oralidade como elemento importante na construção das narrativas do jogo. A seguir, em **REFLEXÕES SOBRE A PRESENÇA DE POÉTICAS ORAIS ENTRE NÓS**, de Adriano Moraes Migliavacca, propõe-se o diálogo entre as poéticas orais africanas e ameríndias e as poéticas ocidentais no ambiente literário brasileiro. **A CONSTRUÇÃO DO MOSAICO ANTROPOFÁGICO EM ORÉ AWÉ ROIRU'A MA: TODAS AS VEZES QUE DISSEMOS ADEUS**, de Caroline Scheuer Neves, examina o processo de construção da obra de Kaká Werá Jecupé, a qual considera como prática social situada e relacionada ao poder. **A ESCOLA E O APAGAMENTO DAS POÉTICAS ORAIS DA INFÂNCIA**, de Sheila Oliveira Lima, reflete sobre a relevância do trabalho com textos da oralidade poética nos

primeiros anos do ensino fundamental, respeitando-se seu suporte original – a voz – e sua dimensão performática. Por fim, o artigo **O INDÍGENA NA LITERATURA BRASILEIRA: ENTRE OLHARES ESTRANGEIROS E DO PRÓPRIO “ÍNDIO”**, de Tarsila de Andrade Ribeiro Lima, contrasta a imagem do índio encontrada nos textos de viajantes e missionários do século XVI com a representação contemporânea feita por autores indígenas como Kaka Werá Jecupé, Olívio Jekupé, Eliane Potiguara e Lucio Flores, para quem a arte da escrita torna-se forma de luta e resistência.

Este volume encerra-se com a íntegra de **Entrevista** que o poeta italiano Cláudio Pozzani concedeu a Frederico Fernandes sobre poesia, oralidade e o *Festival Internacional de Poesia de Gênova*, que, em 2014, realizou sua vigésima edição.

Em síntese, o panorama dos estudos da literatura popular no século XXI oferecido pelos artigos que compõem este número, tanto na **Seção Temática** quanto na **Seção Livre** e mesmo na **Entrevista** apresentada, revela que são muitas as alternativas de abordagem do tema proposto, seja pela ótica do objeto de estudo escolhido, pela autoria da produção literária ou pelo enfoque de análise adotado, sendo que, se podemos identificar um ponto de contato entre tantas variáveis, esse reside no movimento de acolhida e inclusão de cada uma dessas variáveis, superando-se tendências do passado em que o conceito de povo ou popular, e a literatura daí decorrente, podiam ser aferidos por instrumentos tão precisos quanto excludentes. Os estudos da literatura popular refletem nossos tempos de diversidade, multiplicidade e imbricamentos, de tentativas e lutas para dar visibilidades a sujeitos, corpos, textos e discursos representativos de amplos setores da sociedade, independentemente do grau de reconhecimento que lhes seja conferido por instituições tradicionais e seus canais de legitimação.

Desejamos a todos excelente leitura e férteis reflexões